# COMPREENDENDO A DISLEXIA: DA DEFINIÇÃO AOS IMPACTOS NA VIDA ESCOLAR

ANDREIA PIERRE MAGRINI DOS SANTOS

RESUMO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica, genética e hereditária, que afeta principalmente as habilidades de leitura e escrita, sem estar relacionada à inteligência ou a fatores socioculturais. Estudos neurológicos mostram que a dislexia resulta de uma diferença no funcionamento cerebral, especialmente nas áreas responsáveis pela linguagem. Embora existam diversas teorias históricas sobre suas causas, atualmente entende-se que se trata de uma disfunção nas conexões neuronais envolvidas na leitura. Os sintomas podem ser identificados desde a pré-escola, com dificuldades na fala, atenção, rimas e coordenação motora, tornando o diagnóstico precoce fundamental para o sucesso escolar. No contexto escolar, a dislexia manifesta- se por dificuldades em copiar textos, ler com fluência, organizar materiais, compreender instruções e decorar informações. A atuação do professor é essencial, sendo necessário compreender o distúrbio, adaptar metodologias e respeitar o ritmo individual de aprendizagem, evitando estigmatizações. A identificação e intervenção precoces são decisivas para o desenvolvimento da autoconfiança e do potencial acadêmico da criança disléxica. Assim, compreender a dislexia é reconhecer que ela não é uma doença, mas uma diferença neurológica que requer estratégias pedagógicas adequadas e uma postura inclusiva por parte da escola e da família.
PALAVRAS-CHAVE: Dislexia; Transtorno de aprendizagem; Educação Inclusiva.

## INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são competências fundamentais para o desenvolvimento acadêmico e social do ser humano. No entanto, para algumas crianças, o processo de alfabetização apresenta obstáculos que vão além das dificuldades comuns de aprendizagem. Entre esses desafios, destaca-se a dislexia, um transtorno específico de origem neurológica que compromete a capacidade de reconhecer e decodificar palavras com precisão e fluência. Segundo Shaywitz (2006) e a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia é uma dificuldade persistente de linguagem, de caráter hereditário, que afeta o aprendizado da leitura e da escrita, mesmo em indivíduos com inteligência e oportunidades educacionais adequadas.

Compreender a dislexia é essencial para que educadores, pais e profissionais da saúde possam identificar precocemente seus sinais e adotar estratégias pedagógicas adequadas. No contexto escolar, onde a leitura é base para todas as áreas do conhecimento, a falta de compreensão sobre o transtorno pode levar à desmotivação, à evasão e a prejuízos emocionais significativos. Dessa forma, estudar os conceitos, definições e características da dislexia, bem como suas manifestações no cotidiano escolar, é fundamental para promover uma educação inclusiva que valorize as potencialidades de cada aluno e contribua para seu desenvolvimento integral.

## DISLEXIA: CONCEITOS, DEFINIÇÕES, CARACTERÍSTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

Segundo a autora SHAYTWITZ, o termo dislexia vem da palavra estrangeira (latina) “dis”,- que quer dizer “dificuldade” e da palavra estrangeira (grega) “lexia”, que significa palavras. Falar de dislexia é falar do processo de leitura. Ler é um comportamento cognitivo e como tal é assegurado pelo cérebro. Assim falar de leitura é também falar de algo que tem a ver com as funções do cérebro. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), em 1994, foi divulgada pela International Dyslexia Association a definição que vemsendo utilizada: Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem cons-

titucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Essas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de submetida à instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia apresentada em várias formas de dificuldades com diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídos problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar. Portanto, o conceito divulgado por essas instituições é amplamente aceito e representativo da visão vigente em torno do que se entende por dislexia. Sobre a definição em si, a International Dyslexia Association, pela Associação Brasileira de Dislexia, deixa claro que entende a linguagem como um código, ao buscar caracterizar a dislexia como um distúrbio especificamente de ordem linguística. Ela ressalta que a dificuldade da criança estaria relacionada à codificação e decodificação de palavras simples. Cabe esclarecer que a Associação Brasileira de Dislexia, além de exercer influência sobre estudos, pesquisas e atividades profissionais envolvidas com a temática em todo o país, está vinculada a International Dyslexia Association e compartilha dos mesmos pressupostos dessa organização, que goza de grande prestígio em todos os estados norte-americanos e em outros países. Portanto, o conceito divulgado por essas instituições é amplamente aceito e representativo da visão vigente em torno do que se entende por dislexia.

No fim da década de 1920, o doutor Samuel Torrey Orton redefiniu a dislexia como uma "lateralização cruzada do cérebro". Isto significava que o lado esquerdo do cérebro (área responsável pelo processamento da linguagem) estaria fazendo o que o lado direito (área responsável pela intuição e sensibilidade) supostamente deveria fazer, e o lado direito estaria fazendo o trabalho do lado esquerdo. Contudo, isto era apenas uma teoria e, em pouco tempo, o doutor Orton concluiu que estava incorreta. Ele apresentou então uma segunda teoria, afirmando tratar-se de uma "dominância hemisférica mista", o que por sua vez significava que o lado esquerdo do cérebro estaria às vezes fazendo o que o lado direito deveria fazer, e vice-versa.

Ainda de acordo com a autora Shaywitz (2006), a criança com dislexia possui plena capacidade de aprender, desde que receba o suporte adequado. A dificuldade enfrentada pelo disléxico não está relacionada ao raciocínio lógico ou à inteligência, mas sim a uma deficiência específica na linguagem, especialmente no modo como o cérebro processa os sons e as palavras. Essa distinção é fundamental, pois reforça que a dislexia não é uma limitação intelectual, mas uma diferença no funcionamento neurológico.

Com os avanços da neurociência, Shaywitz destaca que hoje é possível visualizar, por meio de exames de imagem cerebral, as áreas responsáveis pela leitura em atividade, identificando com precisão os pontos em que ocorrem falhas na decodificação linguística. Tais estudos comprovaram que o cérebro do disléxico ativa regiões diferentes daquelas utilizadas por leitores típicos, o que explica as dificuldades na fluência e na automatização da leitura.

A autora também enfatiza a importância da identificação precoce da dislexia, que pode ser feita por meio da observação cotidiana no ambiente escolar. O professor, ao acompanhar de perto o desenvolvimento da criança, pode perceber sinais como dificuldades na linguagem expressiva, trocas de sons, lentidão na leitura, entre outros indícios que apontam para a necessidade de avaliação especializada. Assim, a detecção antecipada e o acompanhamento pedagógico adequado permitem minimizar os impactos da dislexia, favorecendo o aprendizado e a autoconfiança do aluno.

Como menciona o trecho abaixo:

(...) É importante lembrar que o problema está na linguagem expressiva, e não no pensamento. A criança sabe exatamente o que quer dizer; a dificuldade está em buscar a palavra certa. Quando lhe dão uma possibilidade de escolha, o disléxico quase sempre sabe reconhecer a palavra certa. (SHAYWITZ, 2006, p. 84)

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a dislexia é um transtorno de origem genética e hereditária, o que significa que tende a se manifestar em diferentes gerações de uma mesma família. Estudos realizados pela própria ABD e por outras instituições internacionais indicam que, quando um dos pais é disléxico, há uma probabilidade significativa de que os filhos também apresentem o distúrbio, ainda que em diferentes graus de intensidade. Essa característica hereditária reforça a necessidade de atenção precoce ao desenvolvimento linguístico das crianças, especialmente naquelas que possuem histórico familiar do transtorno.

Dessa forma, quanto mais cedo for realizado o diagnóstico, melhores serão as condições de intervenção e acompanhamento, tanto para a criança quanto para a escola e a família. O reconhecimento precoce da dislexia permite que a criança seja compreendida dentro de suas particularidades, evitando interpretações equivocadas de seu desempenho escolar. Sem o diagnóstico, é comum que as dificuldades apresentadas sejam confundidas com preguiça, desatenção ou falta de interesse, o que pode levar a punições injustas e à desmotivação do aluno. A detecção antecipada, portanto, possibilita que pais e professores adotem estratégias adequadas de ensino, respeitando o ritmo de aprendizagem e estimulando as potencialidades cognitivas da criança.

O processo de avaliação diagnóstica da dislexia é complexo e deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar especializada, composta por profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Geralmente, esse grupo envolve fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos, neurologistas e educadores especializados, que, de forma integrada, analisam o desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional do indivíduo. Essa abordagem é fundamental, pois a dislexia não se manifesta de forma idêntica em todas as pessoas; há variações na intensidade, nas áreas afetadas e nos sintomas apresentados.

Durante a avaliação, são analisados diversos aspectos do comportamento e da aprendizagem da criança. O fonoaudiólogo, por exemplo, investiga as habilidades auditivas e fonológicas, verificando se a criança consegue discriminar sons e associá-los às letras. O psicopedagogo observa o desempenho escolar, as estratégias de leitura e escrita utilizadas e a relação da criança com o aprendizado. Já o psicólogo busca compreender o impacto emocional das dificuldades enfrentadas, avaliando possíveis sentimentos de frustração, ansiedade ou baixa autoestima. Em alguns casos, o neurologista é acionado para identificar se há fatores neurológicos associados, confirmando a origem neurofuncional da dislexia.

A ABD ressalta, entretanto, que o diagnóstico só pode ser considerado definitivo após o processo de alfabetização. Antes dessa etapa, a criança pode ser classificada como uma "criança de risco para dislexia", uma vez que ainda está em fase inicial de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Nesse período, muitos comportamentos podem ser confundidos com sinais de dislexia, sem necessariamente o serem, como a troca de letras, a lentidão na leitura, a dificuldade em memorizar sons e palavras ou a falta de coordenação motora fina. Essas manifestações podem estar relacionadas tanto a um distúrbio específico quanto ao processo natural de aprendizagem, que varia de criança para criança.

Identificar uma "criança de risco" significa reconhecer que há indícios que justificam uma observação mais cuidadosa e uma intervenção preventiva. Essa fase é crucial, pois quanto mais cedo se inicia o acompanhamento, maiores são as chances de reduzir os impactos da dislexia sobre o desenvolvimento escolar e emocional do aluno. Estratégias como o trabalho fonoaudiológico voltado à consciência fonológica, o reforço positivo na leitura e o uso de recursos visuais e auditivos podem contribuir significativamente para o avanço das habilidades linguísticas.

É importante ressaltar que o diagnóstico da dislexia não deve ser encarado como um rótulo limitante, mas como uma ferramenta de compreensão e orientação pedagógica. Saber que uma criança é disléxica permite ao professor adaptar suas práticas de ensino, buscando metodologias mais eficazes e inclusivas. Entre essas metodologias, desta-

cam-se o uso de textos curtos e ilustrados, a leitura compartilhada, a valorização da oralidade e a utilização de atividades lúdicas que despertem o interesse pela leitura.

Além disso, a escola deve manter uma comunicação constante com a família, orientando sobre como apoiar a criança em casa, sem gerar sobrecarga emocional. É essencial que pais e responsáveis compreendam que a dislexia não está relacionada à falta de esforço, mas a uma diferença neurológica que requer tempo, paciência e estratégias específicas de aprendizado. O envolvimento familiar é um dos fatores que mais contribuem para o progresso do disléxico, pois oferece suporte emocional e reforça a autoconfiança da criança diante dos desafios diários.

Outro ponto fundamental destacado pela ABD é a formação continuada dos professores. Muitos profissionais da educação ainda desconhecem os sinais iniciais da dislexia, o que dificulta a identificação e o encaminhamento adequado. A capacitação docente, portanto, é indispensável para que o educador saiba reconhecer sintomas, aplicar intervenções pedagógicas diferenciadas e promover um ambiente inclusivo. A compreensão do professor sobre o funcionamento cognitivo e emocional da criança disléxica pode transformar completamente sua experiência escolar, evitando fracassos e promovendo o sucesso acadêmico.

A intervenção precoce, sustentada pelo diagnóstico correto e por uma equipe multidisciplinar, é o caminho mais eficaz para garantir que a dislexia não se torne um obstáculo intransponível na vida escolar e social do indivíduo. Ao contrário, quando bem compreendida, ela pode ser um ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades diferenciadas, como a criatividade, a intuição e o pensamento visual, frequentemente observados em pessoas disléxicas.

Portanto, compreender que a dislexia é genética, hereditária e neurológica é essencial para desmistificar preconceitos e promover uma visão mais humana e científica do transtorno. O diagnóstico precoce não apenas auxilia na aprendizagem, mas também contribui para o equilíbrio emocional da criança, permitindo que ela se reconheça como capaz e inteligente, apesar das dificuldades. Assim, escola, família e profissionais da saúde devem atuar de forma conjunta, garantindo o direito de todos os alunos a uma educação inclusiva, justa e de qualidade.

Os itens abaixo relacionados ajudam a tornar a dislexia evidente: Haverá sempre:

Dificuldades com a linguagem e escrita;

Dificuldades em escrever;

Dificuldades com a ortografia;

Lentidão na aprendizagem da leitura;

Haverá muitas vezes:

Disgrafia (letra feia);

Discalculia, dificuldade com a matemática, sobretudo na assimilação de símbolos e de decorar tabuada;

Dificuldades com a memória de curto prazo e com a organização;

Dificuldades em seguir indicações de caminhos e em executar sequencia de tarefas complexas;

Dificuldades para compreender textos escritos;

Dificuldades em aprender uma segunda língua. Haverá às vezes:

Dificuldades com a linguagem falada;

Dificuldade com a percepção espacial;

Confusão entre direita e esquerda.

Na Pré-Escola, fique alerta se a criança apresentar alguns desses sintomas:

Dispersão;

Fraco desenvolvimento da atenção;

Atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem;

Dificuldade em aprender rimas e canções;

Fraco desenvolvimento da coordenação motora;

Dificuldade com quebra cabeça;

Falta de interesse por livros impressos;

O fato de apresentar alguns desses sintomas não indica necessariamente que ela seja disléxica; há outros fatores a serem observados. Porém, com certeza, estaremos diante de um quadro que pede uma maior atenção e/ou estimulação.

Na fase da idade escolar, se a criança continua apresentando alguns ou vários dos sintomas a seguir, é necessário um diagnóstico e acompanhamento adequado, para que

possa prosseguir seus estudos junto com os demais colegas e tenha menos prejuízo emocional:

Dificuldade na aquisição e automação da leitura e escrita;

Pobre conhecimento de rima (sons iguais no final das palavras) e aliteração (sons iguais no início das palavras);

Desatenção e dispersão;

Dificuldade em copiar de livros e da lousa;

Dificuldade na coordenação motora fina (desenhos, pintura) e/ou grossa (ginástica, dança, etc.);

Desorganização geral, podemos citar os constantes atrasos na entrega de trabalhos escolares e perda de materiais escolares;

Confusão entre esquerda e direita;

Dificuldade em manusear mapas, dicionários, listas telefônicas, etc.

Vocabulário pobre, com sentenças curtas e imaturas ou sentenças longas e vagas;

Dificuldade na memória de curto prazo, como instruções, recados, etc.

Dificuldade em decorar sequencia, como meses do ano, alfabeto, tabuada, etc.

Dificuldade na matemática e desenho geométrico;

Dificuldade em nomear objetos e pessoas (disnomias)

Troca de letras na escrita;

Dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua;

Problemas de conduta como: depressão, timidez excessiva ou o
"palhaço" da turma;

Bom desempenho em provas orais.

Se nesta fase a criança não for acompanhada adequadamente, os sintomas persistirão e irão permear a fase adulta, com possíveis prejuízos emocionais e consequentemente sociais e profissionais.

Enquanto que na fase adulta se não teve uma companhamento adequado na fase escolar ou pré-escolar, o adulto disléxico ainda apresentará dificuldades:

Continuada dificuldade na leitura e escrita;

Memória imediata prejudicada;

Dificuldade na aprendizagem de uma segunda língua;

Dificuldade em nomear objetos e pessoas (disnomia);

Dificuldade com direita e esquerda;

Dificuldade em organização;

Aspectos afetivos emocionais prejudicados, trazendo como consequência: depressão, ansiedade, baixa autoestima e algumas vezes o ingresso para as drogas e o álcool.

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD) segundo dados produzidos em 2007, "define a dislexia ser uma causa genética e hereditária, é um transtorno ou distúrbio neurofuncional, ou seja, o funcionamento cerebral depende da ativação integrada e simultânea de diversas redes neuronais para decodificar informações, no caso, as letras do alfabeto". Com os dados da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) hoje no Brasil estima-se ter cerca de 15% de milhões de pessoas com algum tipo de necessidade especial e dentre elas cerca de 90% de crianças na educação básica sofrem alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. A dislexia é a de maior incidência, muitas dessas crianças ao chegarem às escolas se deparam com muitas dificuldades de aprendizagem que acabam desistindo de continuar na escola. As características que a criança disléxica apresenta chegam a ser confundidas com a má alfabetização. É na escola onde a leitura de fato acontece com mais frequência, é a partir dela que o professor pode observar o tipo de dificuldade que a criança apresenta e, portanto, a partir dessa observação, pesquisar e trabalhar diferentes técnicas e metodologias para auxiliar a criança disléxica a ser um leitor fluente. Como descreve a autora SHAYWITZ no trecho a seguir:

(...) Quando o aluno for capaz de ler um grupo de palavras com precisão, haverá várias maneiras eficazes para melhorar sua fluência. O fundamental é encontrar maneiras prazerosas de estimular a leitura em voz alta. Fazer com que a criança pratique a leitura de poesia é um método excelente para melhorar sua fluência. Os poemas são em geral curtos, rimam e são perfeitos para ler rapidamente e com expressividade (SHAYWITZ,

2006, p. 202).

Na sala de aula, a leitura é tudo; é essencial para o sucesso acadêmico. Os problemas de leitura têm consequências em todo o desenvolvimento, inclusive na vida adulta, e por isso que é tão importante ser capaz de identificar a dislexia com precisão e muito cedo, tornando as atitudes adequadas sem demora para que a criança aprenda e goste de ler. Como indica o trecho abaixo:

(...) a leitura não é um processo natural instintivo, mas adquirido, e deve ser ensinado. O modo pelo qual se ensina a leitura é algo que pode influenciar muito a tranquilidade com que cada criança aprende a transformar o que são aparentemente rabiscos abstratos em letras cheias de significado e depois em sons e em palavras, frases inteiras e parágrafos. (SHAYWITZ, 2006, p. 23).

A dislexia não é uma doença. Segundo a ABD (Associação Brasileira de Dislexia), trata-se de um distúrbio de aprendizagem que dificulta especificamente a leitura e a escrita. Por não ser tratada como uma doença, não existe cura para
o problema, que é hereditário. A deficiência geralmente só é detectada quando a criança atinge a idade de alfabetização, o que normalmente acontece entre a pré-escola e a 3ª série do ensino fundamental.
A fonoaudióloga e coordenadora da ABD, Maria Ângela Nogueira Nico, ressalta que muitos professores não conseguem detectar o distúrbio devido ao desconhecimento de sua existência. Por conseqüência, passa a tratar a criança como deficiente mental, o que é completamente equivocado. "Os disléxicos são pessoas criativas, com inteligência acima do normal e geralmente se tornam artistas ou matemáticos", diz Maria Ângela.
Ela explica que o disléxico tem o lado direito do cérebro mais desenvolvido nesta área, onde há o predomínio da intuição e da sensibilidade. O lado esquerdo, responsável pela linguagem, tem menor predominância. Essa diferença faz com que os portadores tenham dificuldade em codificar palavras simples, como casa, escrevendo-a de várias maneiras, como de trás para frente ou com z em vez de s. Muitas vezes também trocam fonemas semelhantes, como o b pelo p, ou f por v, ou letras visualmente parecidas, como o q por p, d por b ou m por n.
A dificuldade em distinguir a direita da esquerda também é outra característica predominante.
Além disso, a memória dos disléxicos é bastante limitada. Segundo a fonoaudióloga, no segundo parágrafo de um texto o disléxico já esqueceu o primeiro. Ele também tem dificuldade em decorar tabuadas, datas e outros idiomas. Maria Ângela diz que há casos em que o portador esquece datas de aniversário e até de seu próprio casamento.
"É preciso ser muito detalhista quando se conversa com um disléxico", diz Maria Ângela. Ela exemplifica que, ao pedir algo, como trocar uma lâmpada, é preciso dizer a ele: “por favor, você poderia trocar a lâmpada?". Se a frase for dita: "pois é a lâmpada queimou", o disléxico, por ter um funcionamento diferente do cérebro, vai registrar a informação, mas não vai entender que a pessoa está querendo que ele troque a lâmpada queimada.
A fonoaudióloga ressalta ainda, que os professores precisam respeitar o tempo de aprendizagem do disléxico e estimular suas aptidões para outras áreas, como a artística ou matemática. Da mesma forma, os pais têm papel importante no desenvolvimento do portador.
"Não se deve deixar que a criança adquira um complexo de inferioridade que pode persegui-la pelo resto da vida", afirma a fonoaudióloga.
A Dislexia é um distúrbio de aprendizagem específico de leitura com comprometimento na escrita, não é resultado de uma má alfabetização, nem condição socioeconômica, nem falta de inteligência, é um distúrbio de ordem neurológica, genética e hereditária. Em pesquisas realizadas com crianças do ensino fundamental, especialmente nas primeiras séries, ficou comprovado de que quase 50% dos alunos tem dificuldades de aprendizagem, o aprender a ler e escrever não é um processo muito simples, por este

motivo grande parte das crianças tem dificuldades de aprendizagem. Dessas dificuldades de aprendizagem apenas uma pequena porcentagem é diagnosticada como Dislexia. O diagnóstico de dislexia pode ser realizado somente por uma equipe multidisciplinar, composto por psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo e em alguns casos se faz necessário a avaliação de um neurologista ou de um psiquiatra.

As pesquisadoras argentinas Emilia Ferreiro e Ana Teberosky descobriram (há quase 30 anos!) que os estudantes elaboram diferentes hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, como se fossem degraus numa escada rumo à aprendizagem. Investigações na área de didática são unânimes em demonstrar que se alfabetizar está longe de ser uma tarefa simples, num processo complexo em que as ideias dos pequenos nem sempre coincidem com as dos adultos. "Observar a relação do aluno com a própria escrita é mais importante do que apontar erros e muito mais efetivo do que rotulá- lo como portador de um distúrbio", afirma Giselle Massi, especialista em fonoaudiologia e linguagem, em Curitiba. Em vez de encaminhar para um tratamento de saúde, o importante é compreender que o percurso é tão importante e desafiador quanto sua conclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que exige compreensão, sensibilidade e preparo por parte da escola, da família e dos profissionais envolvidos no processo educativo. Longe de representar uma limitação intelectual, trata-se de uma diferença neurológica que afeta o modo como o cérebro processa a linguagem escrita, exigindo estratégias pedagógicas diferenciadas.

O diagnóstico precoce e o acompanhamento multidisciplinar são fundamentais para minimizar as dificuldades e potencializar as habilidades do aluno disléxico. A atuação conjunta entre fonoaudiólogos, psicopedagogos, professores e familiares possibilita o desenvolvimento de práticas inclusivas que favorecem a autoconfiança e o sucesso escolar.

É indispensável que o ambiente escolar esteja preparado para acolher e respeitar as particularidades desses alunos, reconhecendo que cada um possui um ritmo e uma forma própria de aprender.

Assim, alunos com dislexia requerem conhecimento e compreensão acerca de suas especificidades. Sabemos que o desconhecimento é apontado como um dos principais fatores geradores de estereótipos e atitudes inadequadas frente a uma situação, e, portanto, o foco deve estar na aceitação, no apoio contínuo e na valorização das potencialidades individuais, permitindo que o disléxico alcance seu pleno desenvolvimento acadêmico, emocional e social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). Apostila Ensinando
Línguas a Disléxicos. São Paulo, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD). Espaço dos Disléxicos,
disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em 12 de out de 2025. BRASIL. CEE (Conselho Estadual da Educação) Deliberação CEE n°11/96. BRASIL. CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica) nº 17/2001, Resolução n° 2, de 11 de setembro de 2001.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

BRASIL. Lei nº 9.394/96, 20 de dezembro de 1996. LDB (Lei de Diretrizes e Bases).

BRASIL. Lei nº 10.172, de janeiro de 2001- Plano Nacional de Educação
Capitulo 8 – Da Educação Especial.

SHAYWITZ, Sally. Entendendo a Dislexia: Um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre. Artmed, 2006.